

## **“NEGRA LIBERTA DA SENZALA IDEOLÓGICA”: RAÇA, MÍDIAS SOCIAIS E POLÍTICA**

***Suzanne Siqueira Mendonça<sup>1</sup>***

**Resumo:** As mídias digitais têm sido mobilizadas como parte de um processo de engajamento político-eleitoral e de popularização de uma ideologia que se apresenta em risco (Cesarino, 2022). O fenômeno, que marcou a política em 2018, intensifica-se em meio a uma onda na extrema-direita e a um modelo reacionário que inflama pânico moral e conservadorismo. Este artigo busca refletir sobre a discussão racial nas mídias sociais de uma candidata a vereadora durante a campanha eleitoral de 2024. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, por meio da Análise de Discurso (AD), a partir da observação do Instagram pessoal e político da atual suplente de vereadora Vanessa da Silva Oliveira (PL/RJ), que se autodenomina “Negona do Bolsonaro” e “Mulher 01 do Bolsonaro no Rio de Janeiro”, com foco na análise das formações discursivas em suas publicações. O levantamento bibliográfico possibilitou uma análise que elucida como as formações discursivas da candidata mobilizam pautas raciais através de suas publicações nas redes sociais, que contribuem para um viés de confirmação de direita que se contrapõe os movimentos negros progressistas.

**Palavras-chave:** Mídias digitais; Eleições; Análise discursiva; Raça; Direita.

## **“BLACK WOMAN FREED FROM THE IDEOLOGICAL SLAVE QUARTERS”: RACE, SOCIAL MEDIA, AND POLITICS**

**Abstract:** Digital media has been mobilized as part of a process of political-electoral engagement and the popularization of an ideology that appears to be at risk (Cesarino, 2022). This phenomenon, which marked politics in 2018, is intensifying amid a surge in the far right and a reactionary model that fuels moral panic and conservatism. This article seeks to reflect on the racial discussion on the social media of a city council candidate during the 2024 election campaign. The research adopted a qualitative approach, using Discourse Analysis (DA), based on the observation of the personal and political Instagram accounts of current alternate councilwoman Vanessa da Silva Oliveira (PL/RJ), who calls herself "Bolsonaro's Black Woman" and "Bolsonaro's Woman 01 in Rio de Janeiro." The focus was on analyzing the discursive formations in her posts. The bibliographic survey enabled an analysis that elucidates how the candidate's discursive formations mobilize racial agendas through her social media posts, which

---

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia e Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: suzannesm@id.uff.br

contribute to a right-wing confirmation bias that opposes progressive Black movements.

**Keywords:** Digital media; Elections; Discursive analysis; Race; Right.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas duas últimas eleições presidenciais, observou-se um protagonismo das mídias sociais e de eleitores comuns, que compartilham mensagens e opiniões deslegitimando especialistas, frequentemente identificados como manipuladores. O movimento, associado à chamada onda conservadora, fomenta um retrocesso político, como no caso dos direitos reprodutivos e do aumento da repressão, e tem sido mobilizado por alguns como um “populismo reacionário” (Lynch; Cassimiro, 2022), definido como “um estilo de fazer política típico de ambientes democráticos ou de massa, praticado por uma liderança carismática, que reivindica a representação de uma maioria contra o restante da sociedade” (p. 15).

Esse *modus operandi* mobiliza a imagem de um corpo coletivo singular, com vontade única. A chamada “nova direita”, que é exponenciada em um campo de oposição aos avanços progressistas, pode ser compreendida em dois níveis: um presente na sociedade civil e outro na sociedade política (Chaves, 2024). Na sociedade civil, os componentes estão mobilizando questões relativas à educação e sexualidade; já no âmbito político, destacam-se projetos de lei como o PL 1904/2024, que trata da criminalização do aborto após a 22ª semana de gestação, e o PL 456/2023, que visa facilitar a aquisição, o cadastro, o registro e a posse de armas.

Em relação ao levantamento bibliográfico realizado para as reflexões aqui, estabeleço um diálogo com as definições de populismo reacionário (Lynch; Cassimiro, 2022), entendendo esse conceito como uma possibilidade de compreender o movimento da direita e sua performance política. Considero também a pesquisa de Becker (2008) sobre a sociologia do desvio, onde aborda a noção de regras sociais que definem infrações e podem cunhar o termo *outsider* para o membro de um grupo que as infringe. Esse poder de determinar regras para os membros da sociedade seria uma questão de poder político e econômico.

Busco, assim, elaborar uma reflexão sobre a argumentação de desvio direcionada por Vanessa da Silva Oliveira à comunidade militante negra. Apoio-me ainda na contribuição de Letícia Cesarino (2022) sobre mídias digitais, algoritmização e política, destacando que “o estudo do populismo digital não é, portanto, um fim em si, mas um lastro comparativo que nos ajuda a mapear padrões de ressonância gerais ligados à atual infraestrutura de mídia (p. 148)”. Como explica a autora, esse populismo digital se

constrói tanto pelas publicações favoráveis quanto pelas dos chamados “inimigos”, aqui identificados sociologicamente como *outsiders*.

No levantamento concomitante aos estudos raciais, mobilizo Collins (2016) que conceitua *outsider within* para demonstrar a realidade de muitas mulheres afro-americanas diante de seu ponto de vista em relação à família e à sociedade. Ela nunca seria totalmente parte, mas conseguiria transitar naquele espaço muitas vezes como se fosse invisível e, por isso, estaria em um estado de não existência. Nesse sentido, poderíamos pensar que Vanessa se sente uma *outsider within*, quando, ao se contrapor ao campo progressista, diz não ocupar a posição esperada pelos movimentos de esquerda para uma mulher negra criada na periferia. Assim, ela reclama esse local de não pertencimento, utilizando-se da pauta racial e de sua vivência como mulher negra para, porém, legitimar seu discurso de direita.

Sendo assim, neste artigo, pretendo analisar o entrelaçamento do campo digital com o avanço da direita sobre a sociedade civil e política. Para refletir e analisar o tema proposto, o foco recaiu sobre a suplente de vereadora Vanessa de Oliveira, também conhecida como “Negona do Bolsonaro” e “Mulher 01 do Bolsonaro no Rio de Janeiro”, que possui 169 mil seguidores no Instagram e foi citada pela Polícia Federal por publicar mensagens de Jair Messias Bolsonaro no contexto de proibição determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF).<sup>2</sup>

O artigo será dividido em duas seções. Primeiramente, será abordado de forma sistemática o uso das mídias sociais na pesquisa, considerando a forma como são pensadas e utilizadas, e em seguida analisaremos um vídeo publicado por Vanessa em agosto de 2025, selecionado devido ao contexto de sua popularização em consequência da notificação da Polícia Federal. Num um segundo momento, será analisado outro vídeo publicado durante a campanha eleitoral de Vanessa de Oliveira (PL/RJ), pretendendo observar a performance e as formações discursivas presentes em sua publicação, especialmente no que se refere ao debate racial instaurado após a decisão do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ) de que ela não poderia manter o nome “Negona do Bolsonaro” nas urnas.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/08/21/saiba-quem-e-a-negona-do-bolsonaro-citada-pela-pf-como-uma-das-pessoas-utilizadas-pelo-ex-presidente-para-burlar-cautelares.ghtml> Acesso em: 26 de ago. de 2025

## 2 METODOLOGIA

Realizado a partir de uma perspectiva qualitativa, a performance da suplente de vereadora é observada mediante a seleção de publicações em seu Instagram, separadas em contextos específicos: primeiro, publicações realizadas após ela ser citada pela Polícia Federal em 2025, como anteriormente mencionado; e segundo, durante a eleição municipal de 2024. A escolha desses dois momentos ocorreu em razão do aumento de popularização de seu nome, além de envolverem questões relativas a órgãos públicos. Os vídeos seguiram o mesmo critério, dando prioridade àqueles em que ela se posiciona para falar sobre o momento específico.

Por meio das formações discursivas, conceituadas por Foucault(1969), busca-se observar quais temáticas atravessam e fundamentam suas alegações, analisando suas falas. Foucault ressalta que o discurso faz parte de uma prática social, situada em um contexto historicamente marcado, fato importante para a formulação de sentido dos discursos. Dessa forma, é possível analisar o agenciamento discursivo que garante a coerência do discurso, considerando que este não produziria sozinho os mesmos efeitos se não fosse acompanhado de valores que o preenchessem de significados (Do Rosário, 2007).

Seguindo a formulação de “ideologia + história + linguagem”:

A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias que constitui a representação; a história o representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar (Caregnato; Mutti, 2006, p. 680-681).

O trabalho irá investigar o contexto, buscando pistas para o sentido atribuído. A formação discursiva é tratada aqui como um bloco aberto, que está em contato com um espaço interdiscursivo, no qual o lugar ideológico do sujeito é demarcado.

## 3 Mídias sociais e política

Vanessa Oliveira, autointitulada “Negona do Bolsonaro”, faz parte do corpo de suplentes de vereadora no estado do Rio de Janeiro, tendo obtido 10.416 votos em sua primeira tentativa eleitoral. Foi a terceira mais votada entre os suplentes do Partido

Liberal, sendo a única mulher preta entre os 10 primeiros colocados gerais, entre estes, apenas um homem negro foi eleito vereador, Rafael Satiê (PL/RJ), de Niterói, com 13.582 votos, atualmente presidente estadual do partido no Rio e presidente da Comissão de Combate ao Racismo. Nascida em 27/10/1981, Vanessa foi criada no estado do Rio de Janeiro. Em sua biografia no perfil do Instagram, escreveu: “A mulher 01 do Bolsonaro no Rio de Janeiro. NEGRA LIBERTA DA SENZALA IDEOLÓGICA!”. Ela divulga notícias sobre o Rio de Janeiro, atuações políticas da direita e da esquerda, e compartilha publicações de vídeos e fotos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Durante a eleição municipal de 2024, ela utilizou as redes sociais como meio de comunicação. Não apenas Vanessa, mas também os candidatos de ambos os espectros políticos investiram na divulgação digital como forma de ampliar seu alcance eleitoral. Em agosto de 2024, Vanessa possuía 98,8 mil seguidores e 4.308 publicações; em fevereiro de 2025, tinha 111 mil seguidores e 4.816 publicações. Passados seis meses, seu perfil já contava com 147 mil seguidores e 5.487 publicações. Em um ano, ela apresentou um crescimento de 48.200 seguidores, com média mensal estimada de acréscimo de 3,37% em seu alcance.<sup>3</sup>

O uso das redes sociais auxiliou em um processo de transformação da esfera pública, Cesarino (2022) mobiliza que a tecnopolítica é fomentado por

[...] um processo profundamente contraditório, que só pode ser apreendido de forma dialética. Produto do ímpeto democratizante das sociedades modernas, essas (anti)estruturas emergentes fazem proliferar contradições que retornam para ameaçar o próprio modelo de democracia liberal vigente que, assim como a ciência moderna, supõe a possibilidade de um mundo comum minimamente compartilhado pelo conjunto dos indivíduos numa mesma sociedade. (Cesarino, 2022, p. 91-92)

Esse modelo, que fomenta a antiestrutura, não é observado como um campo de agências, elemento basilar do fenômeno digital. As mídias digitais propagam a sensação de liberdade, em que o usuário busca suas próprias informações e publica o que desejar; porém, essa sensação é ilusória, considerando a atuação dos algoritmos e o efeito bolha em plataformas como Instagram, YouTube e X (antigo Twitter). Essa relação entre o digital e a sociedade se manifesta de forma que Castells (2023, p. 82) demonstra: “a tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a”. Assim, os algoritmos participam de

---

<sup>3</sup> Durante a revisão do artigo, o perfil dela acumulou mais 22 mil seguidores, totalizando 169 mil seguidores em sua conta no dia 15/09/2025.

um sistema que acompanha nossos dados, como cookies, online, e entrega conteúdos com maior probabilidade de aprovação pelo usuário.

O grande número de publicações nos perfis, como o da Vanessa, também reforça um debate sobre o “colapso da diferenciação entre público e privado que fundamentava a norma da esfera pública liberal, levando a uma bifurcação do tipo antagonística (amigo versus inimigo), onde o público passa a ser englobado pelo privado” (Cesarino, 2022, p. 114). Nesse contexto, os agentes políticos publicam constantemente imagens e vídeos, misturando conteúdos pessoais e profissionais. Ainda segundo a autora, em uma democracia representativa funcional, a questão amizade versus inimigo não seria comum; entretanto, ela já é incorporada nos hábitos civis. Ao desequilibrar esse modelo, a confiança não é questionada apenas em relação aos sujeitos, mas também às instituições. Uma das hipóteses centrais de Cesarino é que “muitos usuários o estão encontrando em públicos conspiratórios e politicamente radicalizados, entre os quais podem voltar a ter confiança: no ‘plano’, no líder, nos demais membros do grupo” (2022, p. 125).

### 3.1 “Vocês não têm orgulho, porra, da negralhada?”

Nesta subseção, citarei trechos selecionados da transcrição do vídeo publicado em 22 de agosto de 2025. No vídeo, Vanessa estava vestida com uma blusa nas cores do Brasil e com uma imagem centralizada de Jair Bolsonaro, afirmando seu orgulho, sua negritude e sua amizade com o ex-presidente. Esse vídeo surgiu durante as investigações por descumprimento de medidas cautelares impostas a Jair Bolsonaro (PL), que, desde 18 de julho de 2025, não poderia utilizar redes sociais nem solicitar a terceiros que divulgassem qualquer tipo de mensagem ou informação. Sob investigação da Polícia Federal, no dia 20 de agosto, foram encontrados dois pedidos de postagens feitos por ele: um direcionado a Capitão Alden (PL/BA) e outro a Vanessa da Silva Oliveira. Alexandre de Moraes utilizou o vídeo como prova desse descumprimento<sup>4</sup>.

Negona do Bolsonaro, com muito orgulho, é essa daqui. Bom, eu estou vendo, aí, pela grande mídia o seguinte questionamento: “Quem é a Negona do Bolsonaro? Influenciadora, citada pela Polícia Federal no indiciamento do presidente Jair Messias Bolsonaro”. Primeiro, lave a boca! Lavem a boca

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.estadao.com.br/politica/quem-e-negona-do-bolsonaro-citada-policia-federal-indiciamento-ex-presidente-nprp/?srsltid=AfmBOoq7l9NDcP\\_FrvApZtlc\\_dEQkJvD8d8xrM-Kz30XojUSjq9Rq9dp](https://www.estadao.com.br/politica/quem-e-negona-do-bolsonaro-citada-policia-federal-indiciamento-ex-presidente-nprp/?srsltid=AfmBOoq7l9NDcP_FrvApZtlc_dEQkJvD8d8xrM-Kz30XojUSjq9Rq9dp) Acesso em 27 de ago. de 2025

porque vocês não me conhecem, lavem a boca imundos. Aqui não tem influenciadora, não, aqui tem amiga leal, aliada de Jair Messias Bolsonaro. [...] A esquerda está polvorosa, “Quem é essa Negona do Bolsonaro?” É essa daqui, com muito orgulho, essa negona que vocês quiseram acorrentar, quiseram colocar na senzala, não conseguiram. Essa negona aqui, ó, livre, liberta de grilhões, de correntes. Uma negona livre, oriunda, sim, de favela. Amiga e a mulher número 1 mesmo do Jair Messias Bolsonaro no Rio de Janeiro. Está incomodando tanto, hein, ele conversar comigo? Vocês queriam que eu conversasse com quem? Com o condenado de vocês, Luiz Inácio Lula da Silva? Não, para mim é motivo de orgulho conversar com o meu amigo Jair Messias Bolsonaro, orgulho. Vocês estão revoltados hein, “quem é essa tal negona?” estão revoltados. (Vídeo do Instagram, 2025)

Buscando contextualizar quem seria, Vanessa salienta sua posição perante Jair Bolsonaro, não apenas como uma política que o segue, mas como uma amiga leal. Assim, como em todas as suas mobilizações, Bolsonaro é colocado como líder e possuidor de sua lealdade. Uma das características do populismo é identificada como um perigo iminente, carregado de ameaças atreladas a valores identitários, permitindo, em consequência, medidas excepcionais. Além disso, com a formação de um líder carismático que representa esse corpo homogêneo (Lynch; Cassimiro, 2022), o populismo de direita buscaria a permanência de um passado que possuía ordem e segurança.

A esquerda, muito citada pela suplente no vídeo, se apresenta como um grupo que busca deslegitimar e usar seu nome para questionamentos. Neste trecho, Vanessa mobiliza a temática que percorre grande parte de seu vídeo de mais de oito minutos: o racismo. Ela se identifica como uma “negra livre, liberta”, dizendo-se contrapor à tentativa da esquerda de inseri-la em uma “senzala”, por ela ser de direita. Esse discurso busca formalizar que a esquerda progressista apropriou-se da pauta da cor como algo próprio. Podemos pensar que ela entende seus opositores como *outsiders*, na medida em que são pessoas negras, mas que incorporam outros sentidos e comportamentos (Becker, 2008). Em 2022, ela compartilha em seu Instagram alternativo o seguinte convite:



Figura 1 – SUMMIT MCB



Fonte: Imagem do Instagram<sup>5</sup>

O Summit Minha Cor, dirigido na época pelo deputado federal Hélio Lopes (PL/RJ) tinha como título “O Brasil não é um país racista”, e contava com apresentações como “Vitimismo e Racismo Negro”, a ser ministrada por Sérgio Camargo (PL/SP) e “A importância da família real na abolição da escravidão” por Philippe de Orleans e Bragança (PL/SP).<sup>6</sup> O evento acabou sendo cancelado. Vanessa apresentaria o tema “O Racismo Estrutural” e dividiria espaço com outros nomes da direita: Magno Malta, com “Vencendo os Obstáculos da Vida Independente da Cor”; Wesley Ross, “O Brasil não é

<sup>5</sup> Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/Cf4V9vuLR\\_2/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZ](https://www.instagram.com/p/Cf4V9vuLR_2/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZ)  
A= Acesso em: 14 de setembro de 2025

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/conservadores-organizam-evento-que-nega-racismo-no-brasil-servicais-da-branquitude-diz-douglas-belchior,45323de26bd8d3d3eb9ddd5e8f5e8dba9selazpt.html> Acesso em: 14 de setembro de 2025.

um país racista”; Paulo Sérgio Rangel, “O sucesso não tem cor”, Suéllen Rosim, “Cultura e Racismo não tem cor” e Alexandre Santana, “Existe uma dívida histórica do Brasil com os Negros?”.<sup>7</sup>

Além de eventos, organizações como o Movimento Negro de Direita<sup>8</sup> ganham espaço, com abordagens como “Pretos não são obrigados a gostar de ‘macumba’; candomblé e umbanda não são religiões do negro”<sup>9</sup> e o coletivo “Pretos e Conservadores”<sup>10</sup>, que afirma representar a presença preta na direita, defendendo Deus, Pátria, Família e Liberdade, slogan de Jair Bolsonaro, e que produz publicações que buscam ressignificar a luta por direitos da comunidade negra.

A formação discursiva da “Negona do Bolsonaro” passa por um interdiscurso alimentado por movimentos conservadores como esses. Em uma das publicações analisadas do segundo perfil citado, foi encontrada uma publicação em 4 de julho de 2025, com 20 imagens contendo textos e fotos sobre a história dos movimentos negros brasileiros e o debate racial.<sup>11</sup> Na imagem 14, traz-se a informação de que, em 2001, o Movimento Negro conquistou reivindicações como a Lei de Cotas Raciais, a Lei 10.639/03 e o feriado de Zumbi, mas, na página seguinte, revela-se que tais conquistas teriam gerado implicações “ruins”:

Aumento do número de militantes nas instituições públicas justificados pela necessidade de reeducação da população e combate ao racismo. A ampliação do número de universidades públicas pelo governo Lula viabilizou concursos com baixa transparência e objetivou a intensificação de tomada total das instituições pela esquerda identitária. Tudo isso mexeu com o mercado editorial e com o financiamento das agências de fomento como CAPES e CNPQ nas universidades.<sup>12</sup>

A publicação reitera o sentimento conspiratório e salienta que a esquerda e os chamados “globalistas” assumiram o movimento negro, atuando na educação e nas políticas públicas, “comprando o silêncio e coagindo vozes discordantes e discentes”, afirmando que corrompem e fabricam lideranças para lucrar com um discurso “racialista”. Ao final da publicação, é divulgado o livro Abrindo a caixa preta: Os

<sup>7</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/15/evento-bolsonarista-sobre-inexistencia-do-racismo-e-criticado-e-suspenso.htm> Acesso em: 14 de set. de 2025

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentonegrodedireita/> Acesso em: 27 de ago. de 2025

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJb4HYfgFSJ/> Acesso em: 27 de ago. de 2025

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/pretoseconservadores/> Acesso em: 27 de ago. de 2025

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DLrqJyQOTWf/?img\\_index=9](https://www.instagram.com/p/DLrqJyQOTWf/?img_index=9) Acesso em: 27 de ago. de 2025

<sup>12</sup> Card “Diga não aos Agiotas Raciais”.

movimentos negros e o globalismo, escrito por Fernando Santos de Jesus, doutor em Educação, apelidado de “Fernando Senzala”.

Dando prosseguimento à análise do vídeo de Vanessa da Silva Oliveira, ela reafirma a legitimidade de seu nome, reiterando possuir autorização de Bolsonaro para seu uso, e traz à tona a decisão do Tribunal Regional Eleitoral que a impediu de usar o nome “Negona do Bolsonaro” nas urnas, período a ser investigado na próxima seção.

Alegou ser racismo, eu não vi nenhum preto sair em minha defesa. Nenhum preto de esquerda, principalmente, de esquerda sair em minha defesa. Vocês não tem orgulho, porra, da negralhada? Vocês não tem orgulho? Quando uma nega, se chama Negona vocês não saíram em minha defesa. Mas uma negra liberta não importa para vocês, uma negra que defende “Deus, Pátria, Família e Liberdade” não importa para vocês. Uma negra que é contra o aborto, que é contra as drogas, não importa para vocês. Uma negra que não faz o L, não importa para vocês. Ninguém da esquerda me defendeu, eu sou negona, quiserem me silenciar e eu fui até o fim. E eu fiz 10.416 votos e eu conquistei 10.416 amigos cariocas que confiaram em mim, no qual sou muito grata. (Vídeo do Instagram, 2025)

Este momento com o TRE-RJ será discutido na próxima sessão, mas é importante demarcar a noção de exclusão que ela evidencia. Considerando o movimento negro e a esquerda como grupos que dominam a temática racial, ela questiona por que, como mulher negra, não poderia se orgulhar do termo “Negona”, afirmando ser uma negra liberta, contrária ao aborto e às drogas, pautas que identifica como pertencentes à esquerda, por tratarem de direitos reprodutivos e da descriminalização da maconha. Assim, ela se posiciona como alguém à margem, uma verdadeira *outsider*.

Na noção de processo de se tornar um *outsider*, Collins (2016) questiona como poderia ser descoberto se o indivíduo é um *insider* ou um *outsider* disfarçado; uma das formas de identificar isso é compreendendo o comportamento e os valores da pessoa, “decifrar a gramática não escrita da conduta e as nuances do idioma cultural” (Merton, 1975, p. 15). Vanessa se insere como *insider*, oposto ao termo *outsider* referente aos grupos negros progressistas, no grupo que compartilha seus valores e opiniões, no caso, o Movimento Negro conservador:

O processo é análogo à imersão em uma cultura estrangeira a fim de aprender os seus costumes e a sua linguagem (Merton, 1972; Schutz, 1944). Um indivíduo se torna um *insider* ao traduzir uma teoria ou visão de mundo em sua própria linguagem, até que um dia o indivíduo se converte ao pensar e agir de acordo com aquela visão de mundo. (Collins, 2016, p. 19).

Assim, Vanessa Oliveira parece alterar sua argumentação: embora não negue a existência do racismo, pode-se compreender que, em sua posição ideológica, ela assume um status de outsider within, mobilizando de forma distinta a luta e a expansão de direitos que, segundo a oposição ideológica, seriam esperados de uma pessoa negra.

Pierre Bourdieu (2013) destaca que é necessário atentar para o fato de que as classificações estão fundadas em “uma categorização que não se reduz à classificação coletiva obtida a partir do somatório das classificações individuais: a ‘ordem social’ não se forma a partir das ordens individuais” (p. 109). Assim, a capacidade de apropriação simbólica é afetada pela objetividade que orienta as representações, esta é:

o produto de um sistema de esquemas de percepção e de apreciação (habitus) que é ele mesmo o produto incorporado de uma condição definida por uma posição determinada quanto à distribuição de propriedades materiais (objetividade 1) e do capital simbólico (objetividade 2) e que leva em conta não somente as representações (que obedecem às mesmas leis) que os outros têm dessa mesma posição e cuja agregação define o capital simbólico (comumente designado como prestígio, autoridade, etc.), mas também a posição nas distribuições retraduzidas simbolicamente no estilo de vida. (Bourdieu, 2013, p. 111)

Mesmo que Bourdieu não afirme que essas diferenças existem apenas porque se deseja que existam, ele destaca que, quando aceitas e legitimadas, essas distinções “funcionam por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção” (Bourdieu, 2013, p. 111), o grupo conservador, a partir de suas formas de percepção, também reconhece estilos que correspondem às condições de pertencimento.

#### 4 Eleição Municipal em 2024

**Figura 2 – “Saiu a decisão final! [...]”**



Fonte: Print do Vídeo no Instagram

No dia 17 de setembro de 2024, próximo ao final do período eleitoral, Vanessa disponibilizou um vídeo<sup>13</sup> em resposta à decisão do TRE, usando uma peruca loira e um vestido longo, no qual afirma que não poderia ser negra sendo de direita e que se sente injustiçada:

Negona? Eu fui impedida, estou sendo impedida de ser negra no Rio de Janeiro, como vocês bem acompanharam todo o meu dilema durante essa semana. Desembargadores do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro proibiram o uso do meu nome “Negona do Bolsonaro”, nome que eu já uso desde 2012. Eu estou perdendo o meu direito de ser uma negra, livre, com opinião e por não negar o melhor presidente do país, por ser leal ao meu amigo Jair Messias Bolsonaro, ao qual eu jamais negarei, jamais negarei o meu presidente e o meu amigo. Permanecerei fiel até o fim, mesmo esse bando de desembargadores brancos, brancos, proibindo, achando e determinando que eu não posso ser negra. Então, pela lógica, eles também não podem ser brancos. Se eu fosse uma loira, uma loira lulista ou uma negra lulista, eu não estaria sofrendo essa perseguição. Talvez assim [passando a mão no cabelo loiro] os desembargadores estejam imaginando, querendo que eu fosse. Se eu estivesse tomando hormônio para virar homem, se eu fosse um homem querendo virar mulher, cheia de pelos pelo corpo ou cortando alguma parte íntima minha, eu teria respeito. Se eu quisesse mudar meu nome da certidão de nascimento, também teria respeito. Se eu quisesse me sentir uma cadela, um cavalo ou seja lá o que for, eu teria respeito. Mas eu não posso me sentir negra, algo que está na minha certidão de nascimento, algo que vocês estão vendo e eu não preciso comprovar, eu não preciso me auto afirmar de que eu sou negra. (Vídeo do Instagram, 2024)

Jurandir Freire Costa (2021 [1982]), psiquiatra e psicanalista, em prefácio, aponta que, mesmo o negro identificando, na história, a posição do branco perante o

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAC0aUJSk0b/> Acesso em: 30 de ago. de 2025

colonialismo, a escravidão e o imperialismo, este transcende permanecendo sempre branco (p. 28), carregando a definição do que é considerado, por si, verdadeiro e único. É possível notar essa percepção no discurso de Vanessa aqui apresentado: ela mobiliza, com sua peruca loira, a ideia de que, se essa fosse sua imagem, a realidade de seu processo seria distinta. Ela não se enquadra na lógica do racismo que exigiria desejar ser aquela mulher: loira, branca e contida.

Esse apontamento da atual suplente de vereadora pode ser discutido sob o viés da violência da discriminação direcionada ao seu corpo negro, já que, como a própria aponta posteriormente, os desembargadores da decisão eram homens brancos. Contudo, como o psicanalista ilumina, a violência racial também atua em outra frente: a psique da dor do negro. Assim, o negro consciente dessa dor, do racismo e dessa violência reage a essa “ferida”, que o afasta da identidade de sujeito (p. 35). Justamente esse bloqueio pode, inclusive, gerar uma luta contra seu próprio corpo negro, mas esse não é o caso de Vanessa; ela não se nega, mas avança, “contenta-se em renegar o estereótipo do comportamento negro, copiando e assumindo um estereótipo de comportamento que pensa ser propriedade exclusiva do branco, e em cuja supremacia acredita” (Costa, 2021 [1982], p. 37). De forma diferente do abordado anteriormente, a regra de higiene moral e cultural não a afasta, mas a direciona a outro tipo de negro: não um “negro de alma branca”, mas um negro que não se submete à agenda moralista progressista e que renega as pautas raciais.

Esta aberração jurídica que está acontecendo... Se isso não é racismo, o que é? Não tem outro nome: desembargadores brancos determinando que eu não sou negra. A justificativa foi que... Sabe o que foi, patriotas? Foi que o “Negona” estimula, sabe o quê? A vulgaridade e o preconceito. Agora, a vulgaridade foi incluída na decisão dos desembargadores, alegando que eu não posso ser Negona. Negona estimula a vulgaridade e o preconceito racial, ou seja, estou cometendo o autoracismo, estou cometendo vulgaridade. Isso é um ultraje, é um atentado à minha identidade, ao nome que eu escolhi e não foi para disputar a eleição. É o nome que significa pertencimento. Eu pertenço, eu sou amiga leal e fiel a Jair Messias Bolsonaro. É um sentimento de pertencimento, de lealdade, e é isso: um símbolo maior, o patriotismo, que significa o exemplo de dignidade na política. É com esse nome que eu queria disputar minha eleição, mas, infelizmente, uma negra liberta, uma negra bolsonarista, está sendo censurada no Rio de Janeiro por não poder disputar as eleições. (Vídeo do Instagram, 2024)

Nesse trecho, ela identifica a situação como racista e aborda a justificativa atribuída à resolução do processo: vulgaridade e preconceito. Analisando sob a perspectiva da vivência da mulata em Gonzalez (2020), a mulher negra que sente o

racismo de um lugar muito específico e particular apresenta, entre suas facetas, a naturalização que a coloca em posições como faxineira e, também, prostituta e vulgar. A noção de que a palavra “Negona” atribui uma conotação sexual, nunca antes usada pela suplente, exemplifica que aquela mulata, que só é vista no rito carnavalesco, como narrado por Lélia, ainda se mantém atualizada “com toda sua força simbólica” (p. 71).

Então, assim como Lélia discorre sobre a definição da palavra mucama e de sua posição na sociedade, enquanto doméstica contemporânea, evidencia a consequência do olhar embranquecido sobre o cotidiano da mulher negra. É importante salientar a crítica realizada por Gonzalez ao trecho do livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, em que Caio Prado Jr. mobiliza o ato sexual da mulher negra como: “escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um efeito menos elementar. Não ultrapassará também o nível primário e puramente animal do contato sexual (...)” (Prado Jr., 1976, p. 342). Diferentemente do amor entre brancos, a mulher negra é identificada como instrumento de satisfação, o que, segundo Gonzalez, “nega o estatuto de sujeito humano” (Gonzalez, 2020, p. 75).

É por aí que a gente entende por que dizem certas coisas, pensando que estão xingando a gente. Tem uma música antiga chamada “Nega do cabelo duro” que mostra direitinho por que eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beijos em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme pra clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta. Pura besteira. Se bobear, a gente nem tem que se defender com os xingamentos que se referem diretamente ao fato de a gente ser preta. (Gonzalez, 2020, p. 76)

Vanessa defende que a decisão, além de racista, afeta diretamente a identidade por ela escolhida politicamente. É importante destacar que aqueles que a estariam censurando não são apenas brancos, mas também negros ainda presos a uma “senzala ideológica”, como abordado em outro vídeo já analisado, no qual ela afirma ser livre por ser leal e fiel ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Buscando fomentar uma “verdade compartilhada por seus pares” (Costa, 2021 [1982], p. 40), ela insere sua identidade como algo a ser reconhecido e validado pelo outro, representado por Bolsonaro e mobiliza para seu contexto uma ideologia que convém “propiciar a manutenção de uma sociedade racista” (Martins, 2021).

Então, eu aceito momentaneamente essa derrota judicial, mas eu caí atirando, eu lutei com todas as minhas forças. Uma negra bolsonarista está sendo censurada por não poder ser livre. Se a escravidão fosse hoje, esse bando de brancos certamente me colocaria no tronco, porque não aceitariam uma negra livre, uma negra próspera, uma negra que quer voar. Mas não pense que vocês me derrotaram. Não pensem jamais que vocês me derrotaram. Eu vou seguir adiante. Maior que Deus, ninguém. E Deus, sim, opera milagres, e eu conto com Deus e com vocês, patriotas do Rio de Janeiro. É com vocês agora essa responsabilidade, agora é com vocês. Não existe, por enquanto, Negona do Bolsonaro. Agora é Vanessa da Silva Oliveira. O nome que vai aparecer na urna, patriotas, é este nome aqui: Vanessa da Silva Oliveira. Prestem bem atenção nesse recado aqui que eu estou dando: eu jamais deixarei de ser a Negona de vocês e do meu presidente. [...] (Vídeo do Instagram, 2024)

Encerrando o vídeo, Vanessa chora intensamente após afirmar que não deixará de ser a “Negona do Bolsonaro”. Uma das formações discursivas utilizadas de forma mais branda, mas ainda presente, é a do conservadorismo cristão. Publicamente católica, ela emprega a fé como uma retórica de esperança em algo que será resolvido por alguém maior, não atingido por planos terrenos. Cristãos, principalmente católicos e evangélicos, têm sido o principal campo de ganho de votos e fidelidade desse populismo reacionário, que se vincula a uma identidade em comum.

Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente do Brasil e condenado a 27 anos e 3 meses de prisão por trama golpista<sup>14</sup>, já demonstrou simpatia pelo regime civil-militar de 1964, defende valores partilhados por cristãos, como a defesa de uma “família conservadora”, posição oposta à agenda de direitos humanos, e um projeto de segurança pública que defende o porte de arma civil. Como Lyra (2021) apresenta acerca do discurso da extrema direita, trata-se de um “ideário regressivo e autoritário, a utilização de *fake news* (...)” (p. 86), um dos *modus operandi* dessa onda conservadora. Como um “falso outsider” (p. 87), o cientista político reitera que essa posição permitiu que Bolsonaro assumisse a esperança dos calvinistas (que acreditam na importância dos humanos para mudar a vida), de que Deus agiria por meio dele (p. 90).

A retórica da perda, cunhado por Vital da Cunha (2020), destaca o uso do prefixo “re” nos discursos políticos da eleição de 2018. A socióloga, ao analisar o discurso de Jair Messias Bolsonaro na posse, cita o trecho: “restaurar e reerguer nossa pátria [...]” (p. 134), no qual se evidencia a importância atribuída ao entendimento de mudança e ao retorno ao antigo.

<sup>14</sup> Disponível: <https://apublica.org/2025/09/retrospectiva-jair-bolsonaro-completa-de-candidato-a-condenado/> Acesso em: 14 de set. 2025



A retórica da perda é uma narrativa fundada, portanto, em uma insegurança moral diante de mudanças sociais empiricamente identificadas que buscam reconhecimento. Diante dessas mudanças que visam ao estabelecimento de outra normatividade ou a desconstrução de padrões de normalidade que negavam legitimidade a grupos de estilos de vida variados, a retórica da perda propõe o “resgate” de uma sensação de segurança (supostamente ou não) partilhada socialmente. (Vital da Cunha, 2020, p. 135)

O status religioso pode ser definido pela performance no grupo. Seguindo a análise de Goffman (1959), o autor identifica que, moldando o comportamento para um público, é possível definir uma visão sobre o que se espera do novo integrante daquela comunidade. As pessoas investem em atributos que julgam serem reconhecidos como pertencentes ao espaço em que buscam um relacionamento social. Assim, o político precisa manter suas características, uma vez estabelecidas, para preservar o contrato social que foi firmado.

## 5 Considerações Finais

Em um período marcado pelo uso das mídias sociais para engajamento político e social, o campo privado se aproxima cada vez mais do público, onde o ator político consegue usar as mídias como uma forma de publicar informações sem o uso de opiniões de especialistas e também contando com o algoritmo, que não é neutro, para inflamar um viés de confirmação que por meio de engajamento alcançam um público que já espera e acredita na informação publicada.

Este trabalho buscou refletir sobre o racismo e o uso do debate racial mobilizado por uma candidata a vereadora no Rio de Janeiro, Vanessa de Oliveira (PL/RJ), na qual se posiciona à direita e defende pautas morais e conservadoras. Por meio de uma análise qualitativa de dois vídeos publicados em seu Instagram, foi elaborado uma reflexão sobre seus discursos e temáticas que perpassam eles, como o movimento negro de direita e outros coletivos, além de uma formação discursiva conservadora cristã que direciona uma verdade absoluta para os *insiders* ao grupo cristão de direita.

O estudo contribuiu para o campo digital e performance, com foco em como por meio da Lélia Gonzalez podemos observar como a oposição ao nome “Negona do Bolsonaro”, além de ter um jogo político envolvido, que não foi o foco aqui e deve ser investigado em futuras pesquisas, permeia uma noção de vulgaridade que é atribuída a mulheres negras desde o período da escravidão no país. E, pensando a partir de Patricia Hill Collins, como Vanessa se identifica como *outsider within* quando afirma ser negra,

mas abandonada pelos negros progressistas quando é vítima do crime de racismo, buscando elaborar para seus seguidores uma “hipocrisia” que estaria presente em um discurso da esquerda que se pensa moral e justo, apesar de a mesma já ter sido convidada em evento que afirma não existir racismo no país.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, p. 105-115, 2013.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. (Vol 1): A Sociedade em Rede. 25ª Edição, revista e ampliada, – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: a verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 304p

CHAVES, Marco Túlio Damas. O Brasil Delegado: Pandemia, Bolsonarismo, Federalismo e Democracia. **ZIZ - Revista Discente de Ciência Política**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. e002, 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio: Da cor ao corpo: a violência do racismo [1982]. In: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** – 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

DO ROSARIO GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, p. 11-25, 2007.

ESPIRITO SANTO, Claudinei. Negros na extrema direita, faz sentido?: Um olhar sob Fanon na busca de compreender as relações de raça e movimento político dos últimos anos. **Ponto-e-Vírgula**, v. 1, n. 35, 2024.

EVENTO **bolsonarista sobre inexistência do racismo é criticado e suspenso**. UOL, São Paulo, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/15/evento-bolsonarista-sobre-inexistencia-do-racismo-e-criticado-e-suspenso.htm> . Acesso em: 14 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

GALISI, Juliano. **Quem é a 'Negona do Bolsonaro'**, citada pela PF em indiciamento do ex-presidente. Estadão, São Paulo, 21/08/2025. Disponível em: [https://www.estadao.com.br/politica/quem-e-negona-do-bolsonaro-citada-policia-federal-indiciamento-ex-presidente-nprp/?srsltid=AfmBOoq7l9NDcP\\_FrvApZtlc\\_dEQkJvD8d8xrM-Kz\\_30XojUSjq9Rq9dp](https://www.estadao.com.br/politica/quem-e-negona-do-bolsonaro-citada-policia-federal-indiciamento-ex-presidente-nprp/?srsltid=AfmBOoq7l9NDcP_FrvApZtlc_dEQkJvD8d8xrM-Kz_30XojUSjq9Rq9dp) Acesso em: 27 ago. 2025.

GODOY, Yago. **Saiba quem é a 'Negona do Bolsonaro'**, citada pela PF como uma das pessoas utilizadas pelo ex-presidente para burlar cautelares. O Globo, Rio de Janeiro, 21/08/2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/08/21/saiba-quem-e-a-negona-do-bolsonaro-citada-pela-pf-como-uma-das-pessoas-utilizadas-pelo-ex-presidente-para-burlar-cautelares.gh> Acesso em: 26 ago. 2025.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 2009.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022.

LYRA, Rubens Pinto. **Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política e temas afins**. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2021.

MARTINS, Elisamar. **O Opressor e seus cúmplices: uma análise de discursos racistas de influenciadores digitais negros**. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.

MERTON, Robert. Insiders and outsiders: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, n. 78, p. 9-47, 1972.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, v. 1, p. 8-18, 2003.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SANTANA, Elias. **Conservadores organizam evento que nega racismo no Brasil: "serviçais da branquitude"**, diz Douglas Belchior. Terra, São Paulo, 14/07/2022. Acesso em: <https://www.terra.com.br/nos/conservadores-organizam-evento-que-nega-racismo-no-brasil-servicais-da-branquitude-diz-douglas-belchior,45323de26bd8d3d3eb9ddd5e8f5e8dba9selazpt.html>. Acesso em: 14 set. 2025.

VEIGA, Edilson; DOMENICI, Thiago. **De candidato a condenado: Os detalhes incômodos da trajetória de Jair Bolsonaro**. Agenda Pública, São Paulo, 11/09/2025.

VITAL DA CUNHA, Christina. Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. **Plural. Antropologías desde América Latina y del Caribe**, [S. l.], n. 6, 2021.